

INRC - INVENTÁRIO NACIONAL DE REFERÊNCIAS CULTURAIS QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CÓDIGO DA FICHA					
	BA	CD	02	2016	Q60	13
	UF	SÍLIO-	Loc	ANO	FICHA	NO.

1. IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

DATA	27/10/2015	INÍCIO	8h30min	TÉRMINO	11h30min
ENTREVISTADOR	Paula Zanardi e Eugênio Lins		SUPERVISOR	Maria Paula Adinolfi	

2. LOCALIZAÇÃO

SÍTIO INVENTARIADO	Chapada Diamantina
LOCALIDADE	LOCALIDADE 2 – SEABRA – (Seabra, Novo Horizonte, Boninal, Ibitiara, Iraquara e Souto Soares)
MUNICÍPIO / UF	Souto Soares - Bahia.

3. IDENTIFICAÇÃO DO BEM CULTURAL

DENOMINAÇÃO	Mestre Carpinteiro/Marceneiro
OUTRAS DENOMINAÇÕES	

4. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

NOME	João Alves dos Santos			Nº	17
COMO É CONHECIDO(A)	(Dão da Rocinha e) Barba Loura	DATA DE NASCIMENTO / FUNDAÇÃO	18/01/1937	SEXO	☒ MASCULINO ☐ FEMININO
ENDEREÇO	Povoado da Rocinha, Souto Soares, Bahia.				
TELEFONE		FAX		E-MAIL	
OCUPAÇÃO	Lavrador / Marceneiro				
ONDE NASCEU	Mato Preto de Carnaíba - BA	DESDE QUANDO MORA NA LOCALIDADE	Desde os 6 anos		

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13

5. CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

5.1. FAZER UMA BREVE DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA DO CONTEXTO DA ENTREVISTA (LUGARES, ATORES, ATMOSFERA, RECEPTIVIDADE DO ENTREVISTADO, FORMA DE PREPARAÇÃO DA ENTREVISTA, ETC.)

Conhecemos seu Dão no dia anterior à entrevista, fomos apresentados a ele por Nonô, os dois são amigos de longa data. Combinamos com ele que voltaríamos na manhã seguinte para entrevista-lo, durante todo o processo Seu Dão se mostrou tranquilo e receptivo. Fala bem devagar, se detém para enxugar os olhos que lacrimejam devido a uma doença que o ameaça a perder a visão. Continua a falar, faz adendos longos que as histórias muitas vezes perdem o prumo. Perdem-se na transcrição de suas falas as pausas longas que ele faz. Muitas frases ficam inacabadas, e podemos somente imaginar como as completaríamos. Reouvir a entrevista não só a reconstrói a partir das experiências adquiridas ao longo do trabalho de campo, do diálogo com a equipe e colegas, mas também nos afina enquanto entrevistadores. A entrevista como método de coleta de dados é uma ferramenta nova na minha trajetória, surge como um desafio para quem aprendeu a fazer pesquisa a partir da ideia antropológica de observação participante. Deve ser construído com cada um dos entrevistados um tempo das perguntas, um tempo das respostas e um tempo dos silêncios que Dão tanto valorizava e que nós não conseguíamos ouvir. Ao ouvir a entrevista noto que ainda nos falta aprender o compasso, entender as entonações de voz que deixam o convite para outra pergunta ou aquelas que pedem paciência. A proposta de entrevistar alguém se torna ainda mais complicada quando o processo é feito em dupla, cada um querendo sanar inquietações distintas, deixando pouco espaço para as inquietações que nos apresenta o sujeito de pesquisa.

Seu Dão falou sobre um desenho é muito importante para ele, feito por um amigo chamado Grande, onde o vemos sentado e trabalhando na sua oficina. Mas na primeira oportunidade mudamos o assunto para outro aspecto que nos interessa mais. Os assuntos vão e vêm várias vezes, em parte porque o diálogo se dá de uma forma não estruturada e não linear, mas também porque não deixamos que ele termine seus devaneios e traga a sua narrativa de volta ao tema anterior. Trata-se do anseio de dois pesquisadores, que por tão felizes de estarem a campo, acabam por minar a própria experiência de campo: a possibilidade de emergência das histórias que revelariam os sentidos atribuídos àquela prática.

Quando falava de seu amigo Grande e do desenho que fez, Dão contava com prazer e admiração uma anedota. Nela, Dão dizia que queria colocar o seu relógio para que aparecesse no desenho, Grande respondeu dizendo que não precisava, que ele mesmo colocaria no desenho. E Dão fazia questão de perguntar se estávamos vendo o relógio. Só pude ouvir esta história quando escutei a gravação em áudio, pois no momento da entrevista estava mais preocupada com as questões que deveriam ser feitas para poder preencher este questionário. Dão como marceneiro, só pode criar a partir do material, só é possível fazer o adobe do barro e pode até imaginar como será a porta, mas ela só existirá depois que ele trabalhar a madeira. Dão narra o feito de Grande como uma travessura que o amigo tenha pregado, pois desenhou um relógio que não existia. De certo modo meu trabalho aqui é como o ofício de Grande, estamos criando um relógio que não está lá. Os ofícios existem, mas pensa-los a partir dos conceitos de “tradicional”, “local”, “artesanal”, “patrimônio”, “cultura” é o que trazemos de novo. Será que Dão ficaria tão animado assim com o desenho que estamos fazendo sobre seu ofício? Será que essa criação o contempla?

A entrevista foi acompanhada pela secretária de cultura do município, Marli, que na primeira etapa ajudou a identificar os mestres a serem entrevistados. Dão nos levou para conhecer o povoado, passamos pela escola, posto de saúde, paramos na cisterna da comunidade que qualquer um pode usar, fomos na casa de sua filha e por fim à casa de farinha de mandioca que também é de uso coletivo da associação.

Antes de partirmos, Dão nos convida para conhecer a sua casa, conhecemos também sua mulher. Na parede da cozinha, outra obra do imaginário de Grande, o cenário é uma rua contemporânea, com carros e casas, e centrado na tela um dinossauro herbívoro de pescoço longo.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13

6. RELAÇÃO COM O BEM INVENTARIADO

6.1. QUAL É A SUA RELAÇÃO COM A ATIVIDADE? O QUE FAZ?

A atividade da carpintaria e marcenaria faz parte da memória de infância do mestre Dão. Ele conta que quando ainda criança, próximo ao local onde nasceu chamado Mato Preto de Parnaíba, tinha um velho chamado Miguel que era carpinteiro o qual quando ele passava pela casa do referido carpinteiro, o observava batendo e gostava de ir lá mexer nas coisas. O velho carpinteiro dizia para sua mãe “olha Miúda, o apelido dela era Miúda, esse menino quando crescer vai trabalhar com madeira, vai ser um grande carpinteiro [...]”. Eu não fui aprender não, só lembro dessa passagem que ele falou com minha mãe. ” Dão é marceneiro e lavrador. Faz estruturas em madeira como tesouras e batentes, também fabrica portas, portas de almofada, janelas, barris de diversos tamanhos, miniaturas de casas, e quebra-cabeças de madeira.

Ainda menino, Mestre Dão, trabalhava na lavoura com a família plantando cana para moer no engenho que produzia aguardente e rapadura. As atividades de produção dos engenhos exigiam manutenção e reparos constantes das peças de madeira, exigindo o conhecimento de carpintaria e marcenaria de quem lidava com estas estruturas. O Mestre Dão iniciou seu aprendizado com seu tio Rosalvo Dão iniciou seu aprendizado com seu tio Rosalvo Ribeiro, irmão da sua mãe e aprimorou seu aprendizado com outros carpinteiros da região. Um aprendizado que se deu muito pela observação e desafios impostos diante das necessidades advindas de uma vida de muita luta pela sobrevivência.

A região de Souto Soares é ainda, na atualidade, um local onde podemos encontrar um número significativos de engenhos de cana e de farinha, onde são produzidos aguardente, rapadura, melaço, farinha e beijú. Estas pequenas unidades de produção foram por muito junto com a agricultura e o pastoril os elementos estruturadores da economia local. Nada mais plausível que as atividades de carpintaria e marcenaria fossem um elemento essencial para a dinâmica da produção local. Sem falar das necessidades desses ofícios para todo tipo de construção, seja de serviço e residencial.

Ao longo da sua vida, o mestre, foi aprimorado seu ofício, trabalhando na atividade de marcenaria, ao tempo em que aprendeu também a dominar ferramentas e maquinários modernos. Na atualidade possui um grande domínio no fazer tradicional e no uso das novas ferramentas industrializadas:

“Ah, cheguei um dia de bicicleta de Souto Soares, aí me fizeram uma surpresa, estava a tupia pro lado de fora do depósito, aquela estava pro lado de fora, só colocaram para dentro a plaina porque passou pela porta, aí eu não lembro a data, faz muito tempo, eu quero muito bem a minha família, Deus que nos ajuda. Eu perguntei o que era essas máquinas aqui, aí ela disse é um presente que seus filhos mandou pra você... José Neto, Jorge, Joel, Juvenal, Gilson, Nino, estava lá, comprou e mandou pra você para fazer uma surpresa aí eu disse: cadê a plaina? Ela disse o que é a plaina, quando abri a porta do depósito a plaina estava lá dentro. E aí não tinha telefone naquela época, escrevi uma carta, eles escreveram para mim, perguntando se já tinha recebido as máquinas, aí é para o senhor fazer o cômodo, o salão para trabalhar com elas, aí fiz isso, essa tesoura com essa simplicidade foi eu que fiz, trabalhei muito. Eu sempre trabalhei aqui na região e aí botei a porta, eu que subi as paredes, sou pedreiro, eu só não sei roubar, porque eu não quero, se eu for roubar, eu sei, e se eu roubar ninguém descobre que eu sou ladrão, porque até agora, graças a deus máquinas não foi eu que comprei não, me doaram, me deram de presente, quem? Meus filhos.

Mais, moço, com a máquina eu fiz bem mais. ”

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13

6.2. COMO, QUANDO, ONDE E COM QUEM APRENDEU ESTA ATIVIDADE?

Rosaldo Ribeiro, seu tio, irmão de sua mãe, apelidado de Biba foi quem lhe introduziu no ofício de marceneiro.

"A carpintaria eu comecei mais um tio meu aqui, ele precisava de um jogo de barril. Ele não sabia fazer, era carpinteiro, mas não sabia fazer. Precisava pra levar água de jegue. Ele conversou com o João Preto que sabia fazer, levou a madeira, quando ele chegou veio com um jogo de barril, trouxe a moldura. E disse: ó Dão é assim que se faz um barril. O primeiro carote que eu fiz mais ele, eu coloquei arroz dentro, sacudi e saiu tudo, parecia uma peneira. É que nem um quebra cabeça, a pessoa invocou com um quebra-cabeça, vai tentando, tentando, tentando, tentando até aprender. Desmontar e montar e fazer tudo né? Até fazer mesmo."

Localmente sua produção ficou conhecida por superar aquela de seu tio: "João tá fazendo barril melhor do que Biba"

Mais tarde teve outro mestre, Seu Valdinho, que o ensinou a trabalhar a madeira com máquinas. Conta a história de quando foi encomendar portas de almofada à Seu Valdinho, quando ele chegou lá com as madeiras o marceneiro falou que Dão faria as portas junto com ele, pois ele não aguentava mais serrar madeira pesada, então Dão serraria com o ajudante. Dão saía de bicicleta para trabalhar todos os dias. "eu já fazia porta lá, mais ele, essa porta fui eu que fiz. Mas essa janela já eu fiz no mulungu, mas já fiz aqui também, porque já tinha as máquinas, tinha um carpinteiro lá, um velho pretinho, todo sábado eu com aquela vocação entrava lá na marcenaria dele para ver trabalhando e meus colegas, disse ó João, cabeça branca se tu pegar umas máquinas dessa você fazia tudo, o velho pegou conhecimento comigo e perguntou se eu trabalhava com madeira aí eu disse que invento, aí quando eu tava fazendo a casa, aí ele trouxe uma madeira preu fazer umas portas de almofada, cheguei lá com as madeiras tudo de pau d'arco, dessa aqui, não tem nada de fraca, tudo é pau d'arco, quando cheguei lá com a madeira ele disse preu ir fazer as portas mais ele, eu digo puta merda, eu com aquela vocação de trabalhar. Ele não aguentou serrar a madeira pesada aí disse preu serrar ir mais eles. Quando eu cheguei lá tupia, plaina, circular, torno de madeira, parece que eu tinha entrado no céu (...) pra trabalhar com aquelas máquinas. E ele falava: "Olha Dão, plaina, circular, torno, é tudo perigoso, agora a tupia aqui tome cuidado, porque a tupia aqui se você tiver concentrado em outro assunto e for trabalhar aqui na tupia, deixa o serviço da tupia de lado, porque aqui é perigoso." E é perigoso mesmo. (...) E aí eu levava a marmitta, e o velho foi tomando conhecimento comigo, a namorada mandava beiju pra ele, mandava doce, tomando conhecimento. Aí ele falou comigo: "Não precisa mais trazer marmitta não moço, pode almoçar aqui mais nós." Por fim ele achou que eu ajudei muito ele lá, segundo pela boa vontade que eu tinha de ajudar ele, terceiro a boa vontade de fazer as minhas portas, a boa vontade de trabalhar com aquelas máquinas. Por fim ele mandou o Gerson que trabalhava mais ele, mandou tornear uma cama pra mandar pra namorada, taí a cama, torneadinha. Torneamos uma cama pra dona Narcisa, ela me agrada muito. (...) aí eu trouxe a cama, taí ela." 0:44:25.2

Eu aprendi a fazer porta de almofada com seu Valdinho, o velho Valdinho que tinha as máquinas, essa porta simples eu já fazia, essa daqui mesmo é serrada com serrotão.

Serrotão serra a madeira tudo de vez. Trabalhava no céu e ele falava, plaina, circular, tudo é perigoso, torno, agora a tupia tu toma cuidado, porque a tupia aqui se você tiver com o sentido em outro assunto, deixa a tupia de lado, deixa esses serviços de outro lado porque é perigoso, e é perigoso mesmo, esse troço aqui, vamos dizer, fazer as cabeceiras, pra fazer essa tábua aqui, essa mais fina aqui, vamos dizer que pode fazer um negócio desse tamanho. Se ficar com medo ela lhe 'escurraça', ela domina é que nem aquela ali, aquela ali já me deu uma beliscada, o velho saía daqui todo dia de bicicleta e ia trabalhar no molungu, levava marmitta. Por fim, o velho achou que eu ajudei muito ele, aí eu fiz umas portas lá mais ele, tinha a boa vontade de ajudar ele, segunda a boa vontade de fazer minhas portas, terceiro, a minha vontade de trabalhar com aquelas máquinas."

6.3. ENSINA OU ENSINOU A OUTROS?

Não passou a diante o ofício de marceneiro, porém um de seus filhos virou agricultor: "nem meus filhos aprenderam comigo (...) só tem um que aprendeu a minha profissão na roça."

Justifica a ausência de aprendizes explicando a falta de interesse na profissão: "A vocação é que não tá tendo, se tivesse vocação teria um deles aqui junto comigo, porque tá aqui a ferramenta pra quem trabalhar, empresto, que eu gosto de emprestar, se eu empresto é porque eu tenho."

"Aqui ninguém quis aprender. Esse serviço de carpinteiro aqui dentro da região vai acabar. Aqui dentro da região vai acabar porque tá vindo de fora. O que vem de fora, as portas, batentes é tudo como nós faz aqui, já tem outras que é diferente, é com aquele material que "morfa", tudo é mais ruim que esse aí que toma chuva, toma sol e tá aí."

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13
---	----	----	----	------	-----	----

6.4. OUTROS DADOS BIOGRÁFICOS RELEVANTES

"Eu lembro quando nós morávamos no Mato Preto, eu nasci lá, no Mato Preto de Parnaíba. Tinha um velho chamado Miguel, carpinteiro, e pra ir pra casa dele eu ia, passava uma estrada, mas naquele tempo não tinha transporte, transporte era jegue, cavalo burro, eu ia pra casa dele. Que eu via ele batendo lá, lembro que ele falou com mãe (...) "olha miúda, esse menino quando crescer vai trabalhar com madeira, vai ser um bom carpinteiro." Isso eu era criança, aí vim embora pra cá. Aí fomos trabalhar na roça, plantar cana, nós tínhamos um engenho, eu era novo nesse tempo, quando nós chegamos aqui tinha quatro casas. As casas de taipa, cobertas de palha de licuri. Aqui onde nós estamos sentados era o curral de prender os bois. Depois disso o engenho não deu conta, um tio meu, fez outro engenho, o daqui foi acabando e ficou só o dele. Depois o dele acabou, eu comprei um engenho. O rodão era de mãe e dos irmãos, puxado por animal, um sofrimento. O relho (??) do rodão era um couro de boi. Quando tava chovendo era um sofrimento pro bichinho puxar aquele rodão, e o relho de vez em quando quebrava, parava. Meus dois irmãos já conheciam São Paulo, eu sou o mais velho, de lá eles compraram um motorzinho pra nós sairmos desse sofrimento de rodão, acabar com os rodão. E nesse intervalo aí veio um rapaz de Segredo com um motor pra ralar mandioca pra ganhar o aluguelzinho dele né. E aí os meninos foram pra São Paulo, ficou eu pra fazer o que? A parte da carpintaria. Nós vamos montar o motor e você fica pra fazer a armação do motor. Eu que fiz a mesa, a tábua do bulanete, o motor tudo ali. Quando ralava mandioca, tudo bem, quando não ralava tirava o motor e a armação ficava lá. E nesse assunto aí aprendi a arrumar motor." 00:9'

"Daqui eu não quero sair não, eu já falei pros meus filhos, já falei pra minha namorada velha, se uma hora eu for passear lá pra São Paulo e eles tiverem a oportunidade de me trazerem aqui, eu quero ser sepultado no barro da rocinha. (...). Já fui muitas vezes pra São Paulo, a primeira vez foi em 68. Você tá vendo aquele caixão velho ali? Na época não tinha mala."

Dão tem oito filhos, mas considera que tem dezesseis: "Eu falei ontem que era dezesseis, mas é dezesseis com os genros. Tem cinco que moram em São Paulo, dois moram aqui e um mora no Caparnaú. Eu tenho dezesseis filhos, que minhas noras e meus dois genros eu considero como meus filhos. Aquele que saiu com o carro aí é um genro, filho. Eu vou levar vocês lá na casa deles, pra vocês ver, casa de Toninho."

6.5. PARTICIPA OU PARTICIPOU DE ALGUMA COOPERATIVA OU ASSOCIAÇÃO? CONHECE ALGUMA QUE SEJA ATUANTE NESTA LOCALIDADE?

Dão participa da "Associação Comunitária de Rocinha" A associação atende a maior parte dos moradores do Povoado da Rocinha, tendo como principal linha de ação a produção e beneficiamento de produtos agrícolas da cidade. Quando Dão nos explica porque quer ser sepultado dentro do seu terreno na Rocinha e não no cemitério em Souto Soares o trabalho da associação é uma das primeiras razões que traz: "Pra começar eu gosto dos meus parentes, criamos uma associação aqui dentro, Associação Comunitária de Rocinha, tem uma sede, tem o posto de saúde, tem um prédio escolar, né Marli? Marli já ensinou lá. Já tem um trator da associação, e se eu sair daqui isso vai ficando pra trás. Tem a casa de farinha comunitária que é nossa. Assim que chegou aquela casa de farinha ali, era 24 horas por dia, o motorzinho. Tem uma caixa ali bem baixa que é da associação que semana passada os meninos fizeram uma reforma nela. E quem chega de fora aqui, constrói aqui, tem muitos que ajudam, mas tem outros que não."

A água da cisterna da associação é de uso coletivo, quem quiser fazer adobe pode usar essa água. A comunidade também se utiliza dessa água na época da seca para lavar roupa, carros, moto e dar aos animais.

Dão explica que o trator foi dado pelo governo, mas os associados devem pagar para usar para que se tenha um fundo para manutenção do trator.

"O que mais planta aqui é mandioca, cana já era, milho, feijão, mas pouco, agora o certo mesmo é mandioca. Vende na feira, tem hora que quando tá em falta mesmo, vem caminhão de fora pegar a farinha aqui, vende só a farinha a mandioca não. Tem quem faz beiju, muita gente faz, na região de Iraquara, a esposa dele faz beiju que esparrama por esse mundão todo, beiju de massa. Ela mora aqui, faz aqui e leva para vender em Iraquara, a associação pagou R\$ 800,00 reais num forno para as mulheres fazer beiju. Antigamente era forno de laje, de pedra. A primeira vez que puseram o fogo no forno, aquela influência danada para fazer beiju, ajuntou não sei quantas mulheres do lado do forno, o forno novo, quando o forno esquentou mesmo o forno deu um estouro, o ferro subiu, não ficou um beiju e as mulheres correu tudo. E o que foi que aconteceu, eu escutei dentro de casa e aí agora para encostar, beiju para todo canto. Eu queria tá lá na hora para fazer beiju também. O que mais gosto... daqui eu não quero sair, já falei pros meus filhos, para minha namorada velha. Eu quero ser sepultado aqui, no barro da rocinha, já fui muitas vezes em São Paulo, a primeira vez foi em 68."

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13

7. DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE

7.1. PERIODICIDADE	Atividade continua.
---------------------------	---------------------

7.2. ANOS EM QUE PRATICOU EFETIVAMENTE A ATIVIDADE DESDE 1990											
2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016
☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒	☒

7.3. QUAIS OS MOTIVOS DA ATIVIDADE?
☒ MEIO DE VIDA ☐ PRÁTICA RELIGIOSA ☐ OUTRAS (SENTIDO LÚDICO, ETC.)

7.4. QUAIS AS ORIGENS DA ATIVIDADE?
"Eu lembro quando nós morávamos no Mato Preto, eu nasci lá, no Mato Preto de Parnaíba. Tinha um velho chamado Miguel, carpinteiro, e pra ir pra casa dele eu ia, passava uma estrada, mas naquele tempo não tinha transporte, transporte era jegue, cavalo burro, eu ia pra casa dele. Que eu via ele batendo lá, lembro que ele falou com mãe (...) "olha miúda, esse menino quando crescer vai trabalhar com madeira, vai ser um bom carpinteiro." Rosaldo Ribeiro, seu tio, irmão de sua mãe, apelidado de Biba foi quem lhe introduziu no ofício de marceneiro. "A carpintaria eu comecei mais um tio meu aqui, ele precisava de um jogo de barril. Ele não sabia fazer, era carpinteiro, mas não sabia fazer. Precisava pra levar água de jegue. Ele conversou com o João Preto que sabia fazer, levou a madeira, quando ele chegou veio com um jogo de barril, trouxe a moldura. E disse: ó Dão é assim que se faz um barril. O primeiro carote que eu fiz mais ele, eu coloquei arroz dentro, sacudi e saiu tudo, parecia uma peneira. É que nem um quebra cabeça, a pessoa invocou com um quebra-cabeça, vai tentando, tentando, tentando, tentando até aprender. Desmontar e montar e fazer tudo né? Até fazer mesmo." Carpintaria e marcenaria constituem um dos ofícios mais antigo da humanidade. A prática do referido na Chapada Diamantina está diretamente vinculada ao processo de ocupação ocorrido no Território a partir do final do século XVII, primeiramente com a criação do gado, logo depois a exploração do ouro e no século XIX as descobertas das jazidas de diamante. Como é do conhecimento, por tradição os colonizadores portugueses sempre dominaram com excelência a arte da carpintaria e marcenaria. Este domínio foi peça chave no desenvolvimento da indústria naval que veio permite as descobertas marítimas pelos mesmos a partir do século XVI. Quando da ocupação da Chapada Diamantina pelos colonos o ofício era parte do conhecimento de muitos que aqui se fixaram e foi repassado de gerações em gerações, principalmente nos núcleos familiares, constituindo-se no conhecimento que é passado de pai para filho. Souto Soares fica na região da Chapada Diamantina, onde tradicionalmente a economia se baseia na lavoura de subsistência e no caminho das boiadas que cortava que se estendia no sentido norte sul. A presença do cultivo da mandioca e da cana incentivou a presença dos engenhos, que se constituíram em importantes unidades de produção de farinha, beijú, aguardente e rapadura. Todos esses engenhos eram feitos em madeira, tanto a estrutura das edificações como o maquinário. Dai a necessidade e presença na região dos ofícios da carpintaria e marcenaria.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

7.5. EXISTEM HISTÓRIAS ASSOCIADAS À ATIVIDADE?

"Mas compadre nono já trabalhei no Mulungu, mas lá foi uma passagem. A gente fez um salão que era pra fazer uma bateadeira de sisal, do senhor Raolino, um ricão que tinha lá. Eu fui fazer a armação do telhado dele, porque o rapaz que começou a fazer lá fez e quando começou a cobrir, antes de chegar na metade da cobertura do telhado, desabou. Aí ele invocou, as telhas quebrou tudo, e o madeiramento ele tirou e jogou fora, arrumou outro, é ricão né? Arrumou outra madeira. Dedaram, me deram pra mim fazer, tá lá, tá feito, fui eu que fiz com a força de Deus, e convidei Nonô para trabalhar lá também. Diz aí quantas tesouras tem naquele salão, tudo feita na madeira bruta, não era serrada assim não. Tudo tirada do mato, lavrada no machado. Dezoito tesouras! Era grande pra fazer uma bateadeira de sisal. Aí o rapaz botou só cinco pilastras no meio, aí ficou uma extensão muito grande, aí quando eu cheguei disse: "Ah tem razão, o senhor tem cinco pilastras, o senhor tem que colocar aqui mais quatro. Nove pilastras." O telhado é de tesoura dupla, aí tem outro telhado pra lá assim, e o meio tem uma calha." 1:06:18.

"O que se planta na rocinha é mandioca, e milho quando o ano é bom, feijão, mas é pouco, o certo é mandioca. Vende só a farinha nas feiras, quando tá em falta os caminhões vem de fora buscar a farinha. A associação pagou 800 reais num forno para as mulheres fazerem beiju, porque antigamente era num forno de pedra. E o mais importante é que a primeira vez que as mulheres colocaram o fogo no forno, aquela turbulência danada, foram fazer beiju, ajuntou-se não sei quantas mulheres em volta do forno, forno novo né? Quando o forno esquentou mesmo, o forno fez assim: "PUM!" Deu um estouro, o ferro subiu, não ficou um beiju, e as mulher correu tudo. Escutei lá de casa o tiro do forno, e aí agora pra encostar foi duro, beiju pra todo canto. Eu queria que eu tivesse lá na hora. "

"Antigamente tinha muita festa, hoje não tá valendo nada. Festa de São João. A gente ia buscar laranja lá longe pra botar na fogueira, e agora já tem laranja aqui no povoado, jaca, laranja. Tinha tudo, bolo, café, doce, cachaça."

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13
---	----	----	----	------	-----	----

8. PREPARAÇÃO

Entre todos os marceneiros entrevistados, Dão era um dos que possuía mais máquinas industrializadas, foram um presente de seus filhos. Conta que desde que as têm consegue trabalhar muito mais rápido.

O Mestre Dão trabalha na atualidade em sua oficina, espaço construído por ele próximo da sua casa. Provavelmente em razão da idade, tem se dedicado mais ao trabalho de marcenaria, o que não o impede quando necessário realizar trabalho de carpinteiro, principalmente estruturas de telhado:

“Eu mais compadre Nonô já trabalhei no Molungu, mas lá foi de passagem, nós fez lá um salão para ser bateadeira de sisal, para um ‘ricão’. Fui fazer a armação do telhado dele, porque o rapaz que começou fez, antes de chegar na metade da coberta desabou, viu, aí ele invocou, as telhas quebrou tudo, tirou o madeiramento e jogou fora, ‘ricão’, né, arrumou outra madeira e me dedaram preu ir fazer, tá lá feito, foi eu que fiz com a força de deus. Diz aí quantas tesouras tem? Tudo feita de madeira bruta, lavrada no machado, faz uma base aí, tem 18 tesouras, é grande para uma bateadeira de sisal, o salão é grande aí o rapaz colocou só cinco pilastra aqui no meio, aí ficou uma extensão muito grande, quando eu cheguei eu disse que tinha razão do telhado ter caído, o madeiramento desabou. Eu disse que você tem que colocar mais quatro pilastras aqui, nove pilastras. É duas tesouras em cada pilastra, é assim ó. No meio tem uma calha, para pegar água da chuva dos dois lados. A madeira para fazer porta, portada, aqui não tem não. ”

Hoje o Mestre se dedica mais a executar esquadrias, móveis, barris e por diversão, “quebra cabeças”. A fabricação do barril constitui para o Mestre um atestado da sua maestria, o sentido que exige sua engenhosidade e total perfeição na execução, tanto que tem um grande prazer em relatar todo o processo de montagem da peça:

“A primeira etapa do barril é serrar a madeira, aqui eu quero fazer um ‘garotinho’ de dois litros. Serra com o serrote. Agora lasco no meio e passo na circular. E agora vem e lasca. Aí forma esses pedaços. Depois de lascado precisa farinhar com o machado, com o facão. Aqui vai acertar a tara, acertar bonitinho para fazer assim, mais larga, mais estreita. E depois para fechar. Que eu faço os arcos, tem arco de todo tamanho, os arcos sou eu que faço de que: chaparia de carro, chego nos ferros velhos e compro pedaço de carro velho. Aí coloco as madeiras, não molha a madeira, coloca fogo para entortar a madeira. Depois delas todas aqui, assim, ‘em pezinha’, pega o negócio para segurar e vai enchendo, na hora que encher ela acocha, depois de acochou bate. Depois de fechada a florzinha e vai lá para fora para aquecer a madeira. Depois de aquecida passa uma corda aqui. Torce, ela vai fechando a parte de cima, quando fechar, você chega com o aro e coloca, já vai acochando, acochando, na hora que esfriar aí serra, com o serrote, serrinha, serra a aqui para ficar certinha. Depois tem a crivadeira para fazer o crivo para o encaixe da cabeça. Tem essa aqui. Eu fiz uma pipa de 150 litros. Aqui a crivadeira, que eu fiz; aqui já está feito. O barril são duas peças, ela é dividida ao meio, encaixa um lado, essa eu coloco primeiro, coloco ela por aqui, e esta eu abro os aros, coloco essa primeira e essa daqui já vem com a torneira, que está pregada por dentro. Se uma hora deus o livre quebrar um dia, pode tirar que a porca está esperando por dentro. A parte de baixo enfia por cima e encaixa lá. Isso aqui precisa folgar que é para cabeça entrar no friso. Tirando a parte para a cabeça entrar fica ‘garrado’ o resto, e tirar os três aros, estando com a cabeça o mesmo que não esteja, as taras seguram, o arco segura. E aqui pode botar o diabo dentro que não sai.”

“O que mais gosta de fazer? Ô, moça eu acho que tudo, no que eu trabalho eu gosto de fazer tudo, o prazer é meio pouco que eu tô vendo a pessoa mandar eu fazer, tem alguém sofrendo, tô para fazer uma muleta, mas não tenho material pra fazer. Eu tenho o prazer de fazer, porque eu sei fazer, aqui eu não fazia essas coisas pequenas. As casinhas comecei aqui dentro, antes meu trabalho era com coisas maiores, aqui eu descobri fazer os cofrinhos para botar moeda já aqui dentro, porque eu tenho a máquina, aí vou medir para serrar com o serrote, aí com a plaina é rapidinho fazer o carote”

A matéria prima, a madeira, hoje é adquirida em lojas de material construção da região, oriundas da região norte do país. Antigamente, trabalhava com as madeiras locais: pau d’arco, angico e pucumunju, A oficina do Mestre contém as ferramentas tradicionais da carpintaria/marcenaria e máquinas modernas que o permitem trabalhar com maior agilidade.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

9. REALIZAÇÃO

9.1. QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS ETAPAS E PARTICIPANTES DA ATIVIDADE?		
DENOMINAÇÃO	DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE E SUAS METAS	PARTICIPANTES/FUNÇÃO
Estruturas de edificações	O Mestre realizou diversas estruturas para edificações, sempre trabalhando a madeira de forma artesanal, usando principalmente o serrote e o machado como ferramentas principais para execução das peças.	O Mestre e ajudantes
Esquadrias	Na atualidade o mestre executa esquadria na sua oficina e utiliza o maquinário disponível que o permite maior agilidade.	O Mestre
Barril	A fabricação do barril exige grande conhecimento e refinamento técnico, desde a fase em que as peças são cortadas até a etapa da montagem. As peças têm que está milimetricamente nas dimensões e formas corretas. Sua execução se constitui em um “quebra cabeça”.	O Mestre
“Quebra cabeças”	As peças são diversas e se constituem em elementos capazes de demonstrar a inteligência e maestria do Senhor Dão com a madeira	O Mestre

9.2. QUAIS SÃO OS RECURSOS FINANCEIROS, CAPITAL E INSTALAÇÕES UTILIZADOS.		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Oficina	Espaço destinado a produção das peças onde estão guardadas suas ferramentas e instalados os equipamentos (máquinas).	O Mestre. Parte dos equipamentos foram oferecidos pelos seus filhos.

9.3. QUAIS SÃO AS MATÉRIAS PRIMAS E FERRAMENTAS DE TRABALHO UTILIZADAS?		
DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/COMO OBTÉM
Madeira	Matéria prima para fabricação das peças, antigamente se obtinha na região de Souto Soares. Hoje, se adquire em lojas de material de construção existentes na região.	O Mestre Dão/Comprando em lojas.
Machado	Para cortar/abrir a madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Serrotão	Para serrar peças grandes de madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Serrote	Para serrar a madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Bigorna	Peça de aço para trabalhar as peças de ferro	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Enxó	Para desbastar a madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Compasso	Para desenhar e definir as dimensões das peças	O Mestre Dão/Por compra ou doação.

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
--	--	--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

Esquadro	Para definir os ângulos das peças	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Formão	Para abrir cavas na madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Plaina manual	Para aplainar a madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Plaina circular	Para aplainar a madeira	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Tupia	Para abrir rebaixo nas esquadrias	O Mestre Dão/Por compra ou doação.
Torno	Para tornar as peças	O Mestre Dão/Por compra ou doação.

9.4. HÁ COMIDAS E BEBIDAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? CONSOMEM-SE OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

9.5. HÁ INSTRUMENTOS E OBJETOS RITUAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ/ COMO OBTÉM
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

9.6. HÁ TRAJES E ADEREÇOS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

9.7. HÁ DANÇAS PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

9.8. HÁ MÚSICAS E ORAÇÕES PRÓPRIAS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? OCORREM OUTRAS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	BA	CD	02	2016	Q60	13
--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

9.9. HÁ INSTRUMENTOS MUSICAIS PRÓPRIOS DESTA ATIVIDADE? QUAIS? USAM-SE OUTROS?

DENOMINAÇÃO/DESCRIÇÃO	FUNÇÃO OU SIGNIFICADO	QUEM PROVÊ
Não se aplica	Não se aplica	Não se aplica

9.10. APÓS A ATIVIDADE, QUAIS SÃO AS TAREFAS EXECUTADAS? QUEM AS EXECUTA?

QUEM EXECUTA	ATIVIDADE
Não identificado	

9.11. QUAIS SÃO OS PRODUTOS OU RESULTADOS DESTA ATIVIDADE? EM QUE QUANTIDADE?

Na atualidade: móveis, esquadrias, barris e peças artesanais (quebra cabeças)

9.12. QUAL É O PÚBLICO? QUAL O DESTINO DOS PRODUTOS DESTA ATIVIDADE?

O público é majoritariamente do município de Souto Soares. Os barris, são adquiridos por um público mais amplo, sendo vendido, inclusive, para outros Estados do Brasil.

9.13. ESTA ATIVIDADE É IMPORTANTE PARA A RENDA / O SUSTENTO DE SUA FAMÍLIA? É A PRINCIPAL FONTE DE RENDA? E PARA A COMUNIDADE, ESSE TIPO DE ATIVIDADE É IMPORTANTE? POR QUÊ?

PRINCIPAL ☒	COMPLEMENTO ☐	NÃO É FONTE DE RENDA ☐
IMPORTÂNCIA PARA A COMUNIDADE	O Mestre Dão ainda é bastante procurado pela população de Souto Soares e Iraquara para executar peças sob encomendas e se constitui em uma referência como Mestre da carpintaria e marcenaria da região.	

9.14. RECORDE-SE DE MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER E/OU RESULTADOS, MATÉRIAS PRIMAS, USOS DO BEM/SERVIÇO EXECUTADO? INFORMAR OS TIPOS, MOMENTOS (DATAS) E MOTIVOS DAS MUDANÇAS.

ÉPOCA	OCORRÊNCIA
-------	------------

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

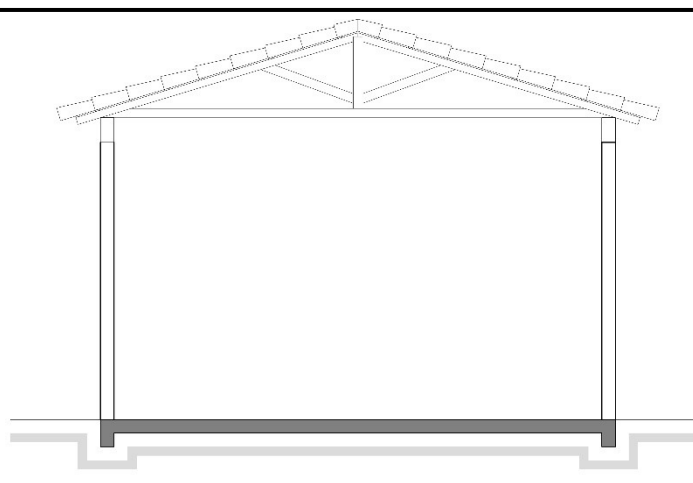
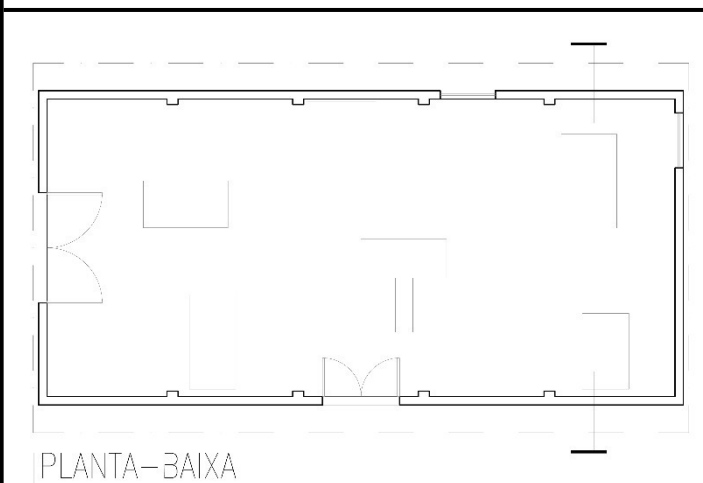
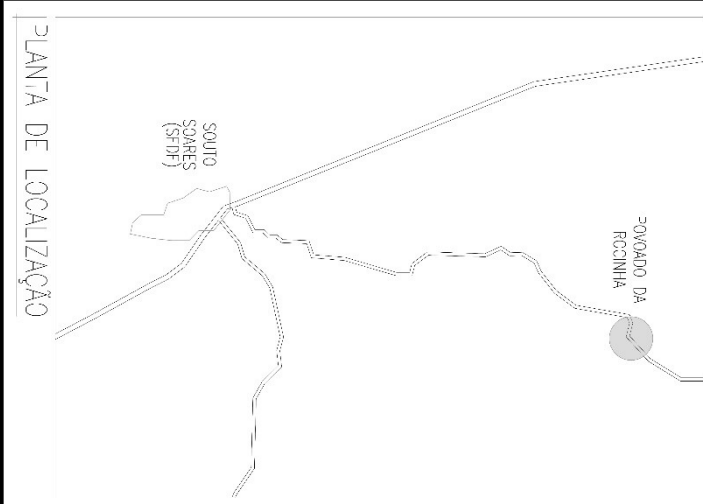
	Uma das falas do Mestre Dão nos dá a dimensão dos processos de mudanças que ocorreram e suas as razões que motivaram: “Compramos um engenho e eu digo e os boi? O dono do engenho que nós vendeu, disse que compra o engenho que eu dou os bois para vocês moer a cana e aí acabou o problema de lavoura, mandioca. Um roldão da família, cinco irmãos e nós juntos, tem Aureliano, tio José Ribeiro, tio Arlindo, mãe e pai, meu pai morreu no dia 10 de dezembro de 46 eu tinha nove anos, o roldão era de mãe e dos irmãos puxado de animal, um sofrimento, o couro do roldão, era um couro de boi, tu sabe como é, né? Sabe nada, quando estava enxuto tudo bem, mas quando estava chovendo era sofrimento pros bichinho puxar o roldão. Nessa mesma dita casa de farinha, nós já estava mais ou menos, já fazendo o que tinha de fazer mesmo, meus dois irmãos já conhecia São Paulo, eu sou o mais velho e eles já conheciam São Paulo, aí ele disse que nós ia pra São Paulo comprar um motorzinho para nós sair desse sofrimento de roldão, acabar com esse roldão. Nesse intervalo veio um rapaz de segredo, ralar mandioca para ganhar o dinheiro dele. Aí os meninos foram, Joaquim e Gilberto foram para São Paulo, aí ficou eu na parte da carpintaria, fiquei para fazer a armação do motor, tirar do canto, botar aí, botar embaixo, eu fiz duas madeiras compridas, a mesa ali ficava a tábua do bulinete e o motor tudo ali, quando ralava mandioca tudo bem, quando não estava tirava o motor e guardava, a armação ficava lá. Tem peça do motor aí e nesse assunto aí aprendi arrumar o motor. Isso aqui não é motor nosso não, isso aqui é de motor velho. [...] Aquele motor, eu arrumava o motor, vinha gente de longe apara eu fazer esse serviço e aí foi passando, passando, a família crescendo, foi criando a família, ninguém quis mais motor de goma, agora nossa casa de farinha rala mandioca eletrificada, serviço que mexia o dia todo com rodo, hoje em dia não tem rodo mais. Hoje o trabalho mais difícil da casa de farinha é raspar a mandioca que é na mão ainda”
Não se recorda a data. Mudança no modo de produzir quando ganhou o maquinário de marcenaria.	Orgulha-se das máquinas da oficina que lhe foram ofertadas pelos seus filhos. "Cheguei um dia de bicicleta de Souto Soares, me fizeram uma surpresa, tava essa aqui, a tupia pro lado de fora no depósito, só botaram por dentro a plaina que passou na porta. (...). Eu digo ô Narcisa, ô Nê, eu trato ela de Nê né, e essas máquinas aqui o que é? Ela disse: Você não sabe o que aconteceu, isso é um presente dos seus filhos que mandou pra você, comprou e mandou pra você pra fazer uma surpresa. E eu disse: Cadê a plaina? Ela disse: O que é a plaina? Eles botaram um aí dentro do depósito. Abri a porta do depósito e a plaina tava lá dentro, graças a Deus meu Deus! E aí não tinha telefone naquela época, era carta, eles escreveram pra mim, "Pai já recebeu? Agora é só o senhor fazer o salão pro senhor trabalhar com elas. Aí eu fiz isso aqui, tesoura fui eu que fiz, com essa simplicidade fui eu que fiz, trabalhei muito. Fui eu que subi as paredes, sou pedreiro." 0:51:33
Mudança nas casas de farinha.	"Esse aqui é peça de motor velho que vinha pra eu arrumar. (...). Ninguém quis mais o motorzinho antigo. Agora as casas de farinha pra ralar a mandioca são todas eletrificadas, serviço que fazia o dia todo com o rodo hoje em dia não tem rodo mais. A dificuldade maior da casa de farinha hoje em dia é a raspagem da mandioca."
Mudança pela falta de madeira	O serviço diminuiu muito porque é muito difícil de ter madeira. Quando perguntamos quando aconteceu essa mudança, seu Dão responde: "Ave Maria, isso aí eu não sei não, não tem nem medida exata, vai acabando aos pouquinhos, pouquinho, pouquinho.... Essa madeira, quando nós tínhamos o engenho aqui, chegava os roletão de madeira, dessa aqui Tumuju, dessa grossura, que o tacheiro lascava no meio e queimava, aí já foi acabando né... Eu achei esse tumurujinho, (...) e outra, se eu não tirar pra fazer carote é capaz de outro tirar pra queimar, fazer café". Quando seu Dão conseguia a madeira para produzir portas e esquadrias ele ainda não trabalhava peças pequenas, não fazia miniaturas ou quebra-cabeças. À medida que a madeira grande foi desaparecendo ele começou a criar objetos cada vez menores.
Chegada de objetos feitos a partir de compensados	"Esse serviço de carpinteiro aqui na região vai acabar. Aqui dentro da região, vai acabar porque tá vindo de fora. Tem umas que é diferente, que é daquele material que molha e afofa tudo. Já isso aí não, toma sol toma chuva e tá aí ó. Esses guarda-roupas, que vem hoje em dia, que é o homem que faz o material, mas só tem boniteza. Se eu fazer um guarda-roupas aqui dentro eu dou garantia de dez anos. Eu nunca fiz não, mas se eu for fazer eu faço."

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER**BA CD 02 2016 Q60 13****10. LUGAR DA ATIVIDADE****10.1. ONDE OCORRE? DESDE QUANDO NESSE LUGAR? POR QUÊ?**

Ocorre na oficina do Mestre no Povoado da Rocinha, Souto Soares, Bahia. Dão tem um barracão ao lado de sua casa, conta que o construiu na época que ganhou de presente dos seus filhos o maquinário para trabalhar a madeira, pois precisava abrigá-lo.

10.2. QUEM É RESPONSÁVEL OU PROPRIETÁRIO DO LUGAR EM QUE OCORRE A ATIVIDADE?

O Mestre Dão.

10.3. DESENHO DO LUGAR DA ATIVIDADE

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

11. IDENTIFICAÇÃO DE OUTROS BENS E INFORMANTES

11.1. QUEM MAIS PODE INFORMAR SOBRE ESTA ATIVIDADE?
Não identificado

11.1. HÁ OUTROS OFÍCIOS CARACTERÍSTICOS DESTA LOCALIDADE?		
OFÍCIOS E MODOS DE FAZER	CARACTERÍSTICAS	CONTATO
Adobeiros	Técnica em barro cru com adição de água. Possui dimensões diversas e variações na cor a depender da argila utilizada.	Edberto Alves de Souza Jeane Casimiro de Souza Jonas Ferreira de Souza Marcos Vinicius de Souza Santana Naiara Chaves de Carvalho Raimundo Rodrigues de Oliveira Salvador de Jesus Claudionor Cedro de Oliveira – Sr Nonô Laudenor Carvalho Miguel Lopes de Carvalho Edélio Martins dos Santos Elias José de Souza Renato de Souza Oliveira
Taipeiro	Técnica em barro cru com estrutura de suporte de madeira. Na atualidade esta técnica em sendo pouco utilizada.	Luzinete Ana de Jesus
Oleiro	Profissional responsável pela produção de tijolinhos e lajotas queimados em forno à lenha.	Antônio Carlos da Silva Bastos Josué Pereira BASTOS Antonio Carlos da Silva Edberto Alves de Souza Jeane Casimiro de Souza Jonas Ferreira de Souza Marcos Vinicius de Souza Santana Naiara Chaves de Carvalho Raimundo Rodrigues de Oliveira Salvador de Jesus Toe de Nildinha Mirandi Oliveira Ricardo de Oliveira Edélio Martins dos Santos Elias José de Souza Renato de Souza Oliveira
Construção de fornos com barro e pedra	Estes fornos são construídos no interior das residências e também fora sendo usado para a fabricação sendo utilizado para assar carnes, bolos e biscoitos de polvilho. A pedra utilizada é denominada “mole” porque não se fragmenta no calor.	Edberto Alves de Souza Jeane Casemiro de Souza Raimundo Rodrigues de Oliveira

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		BA	CD	02	2016	Q60	13
--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

Extrator de Pedra/ Construtor em Pedra	Profissionais que dominam as técnicas de extração e corte de pedras para a construção civil. A grande maioria dos entrevistados também dominam os saberes da construção de muros e paredes em pedra seca e pedra argamassada. Neste rol de ofício estão também os que extrai ardósia, pedra utilizada em pisos, revestimento e na cobertura de edificações.	José Ribeiro de Souza Antônio Jose Viana Ricardo de Oliveira Antônio Lopes Conceição Nilson Rodrigues de Novaes Ovídio Dourado dos Santos Edvaldo Oliveira dos Santos Liane Joana Mendes Robélia Novaes Souza
Calceteiro	Calçamentos feitos em grandes pedras brutas que são ajustadas como se fossem mosaicos para fazer estradas, ruas e calçadas.	Antônio Jose Viana
Pedreiro	Ofício que trabalha com diversas técnicas da construção civil. Normalmente, são responsáveis pela execução de fundações e levante de alvenarias.	Clovis Ferreira de Medeiros Ezequiel Oliveira Santana Paiva Marcelino dos Anjos de Novaes Francisco Pereira dos Santos Claudionor Cedro de Oliveira – Sr Nonô
Mestre de Obras	Conhece todas as etapas do trabalho relacionado com a construção civil. Para ocupar este cargo, o profissional também desenvolve atividades de gerenciamento da obra – calcula quantidade de material, compra material, contrata os profissionais necessários para o desenvolvimento das diferentes etapas da obra.	José Ribeiro de Souza
Produção de cal	Este material bruto passa então pelo processo de beneficiamento para se transformar em cal. Este processo passa por 6 etapa: 1.Quebra a pedra; 2.retirada da lenha na região de Iraquara para colocar no forno de barro; 3.Queima das pedras; 4.Espera as pedras esfriar por 3 dias, descarrega as pedras que se torna pó e molha o material para a evaporação do ácido; 5. Passa a cal pela peneira; 6. Ensacar a cal para venda.	Florisvaldo Souza Azevedo
Garimpeiro	Atividade de cata de pedras preciosas no leito dos rios ou na extração de na serra. Esta atividade muito comum no século XIX e XX hoje ocorre em menor escala. Muito significativo são as construções de garimpo, como as locas, os aquedutos para transportar água, tanques e bicas.	Laudenor Carvalho
Carpinteiro /Marceneiro	Execução de estruturas em madeiras utilizando ferramentas tradicionais. As atividades se estendem dos processos de lavar a madeira, cortes, encaixes e construção de estruturas para o telhado, portas, janelas. Alguns profissionais executam também atividades com mobiliário.	Gildon Ramos de Souza Ezequiel Oliveira de Santana Paiva Olivia Alves Santos Selvindo Mendes dos Santos José Ribeiro de Souza Miguel Lopes de Carvalho Claudionor Cedro de Oliveira – Sr Nonô André Luis Ribeiro Eliete Silva Santos João Alves dos Santos – Sr. Dão Eunilson Fidelis de Souza Francisco Agostinho Lopes Jonas Ferreiro de Souza
Ofício – Luthier tradicional -	Artesão que trabalha na fabricação e manutenção de instrumentos musicais.	Joaquim Beato de Souza

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		BA	CD	02	2016	Q60	13
--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

Ofício de paneleira	Produção de panelas e louças utilitárias em barro. A confecção é toda artesanal e manual. O barro é amassado e as panelas moldadas à mão, sem o auxílio de nenhuma ferramenta. A queima ocorre nos quintais das casas a céu aberto. Utilizando na queima das peças o uso de fornos de adobe ou envolvendo-as em galhos de árvores (lenhas).	Povoado Vaca Seca Dona Lu Elsa Oliveira Silva
Curandeiro /Benzedeiros	Atividades relacionadas com questões religiosas – medicação de ervas, benzeduras e mesmo internamentos nas casas.	Maria Cunha Macedo Sisnando Pinto Vilas Boas Benedito Souza Santos Marly Araújo dos Santos
Xaropes/ infusões	Manuseio de ervas e elaboração de remédios naturais – Muito utilizado em tratamentos terapêuticos em toda a região.	Emiliano Evangelista Neto Judite Maria de Jesus
Tecelã de algodão	O algodão é colhido de uma plantação caseira no quintal da casa. A tecelã faz o fio de algodão a partir das fibras desse algodão colhido, ou de algodão industrial. Após a colheita o algodão passa por um processo para que desprenda as fibras, processo conhecido como “desembolar” do algodão. Esse procedimento é feito com um instrumento chamado de arco, batedor ou badogue, que consiste em uma haste de madeira curvada que tenciona um barbante. Depois de “desembolado”, o algodão é transformado em fio com a utilização de um fuso manual, instrumento de madeira formado por uma haste reta de madeira presa a uma base do mesmo material que permite que a ferramenta rode em alguma superfície de apoio, formando o novelo de algodão.	Jadelina Rosa dos Santos
Artesanato	Na Localidade foi encontrado um grande número de artesanato, que desenvolvem diferentes artefatos utilizando como matéria prima a madeira, o cipó, areias coloridas, pedras, couro, tecido, palha de licuri, ardósia e material reciclado.	Adalmir Neves Novaes Suzana Duraes Viaxia Sílvio José dos Santos Silvânia Nascimento de Souza Silvânia Nascimento de Souza Eliete Silva Santos Zélia Rocha dos Santos João Gonçalves de Oliveira Silva Liane Joana Mendes Raimundo José de Sá Teles Valdelino José de Sá Teles Maria Aparecida Lima Fernandes
Compositor	O Sr. Vanderlino Antonio da Silva é compositor. Suas músicas falam do cotidiano e são em ritmo de forró e bolero. Também compõe musica cristã. Segundo ele, suas músicas são cantadas nos ternos de Reis.	Vanderlino Antonio da Silva

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		BA	CD	02	2016	Q60	13
--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

Culinária	Na Chapada Diamantina ainda é possível encontrar um grande número de pessoas mantém a tradição de usar iguarias da região na elaboração de comidas. Assim encontra-se grupos que executam artesanalmente farinhas, biscoitos e beijus – muito comum nesta localidade a presença, nos povoados de casas de farinha. Uma grande produção de licores de frutas regionais e pratos utilizando a palma, a banana verde, palmito, milho entre outros.	Anita Lopes Fernandes Almini Pereira dos Santos Maria Rita Alves Neta Marly Araújo dos Santos Laudimiro Benedito de Aquino Rosângela Mendes Ribeiro Cerqueira Niraildes Joana Mendes Clarise Rosa de Oliveira Santos Elias José de Souza Evangelista Silva de Souza
Fabricar rapadura, melaço e aguardente	A rapadura, o melaço e a aguardente são produzidos nos engenhos, através do cozimento do caldo da cana. A sua produção mobiliza ambientes ou espaços distintos: um para armazenagem da cana de açúcar já cortada, outro para o processo de moagem e retirada da garapa, além do espaço em que acontece a produção, propriamente dita, dos produtos mencionados	Jeronimo Gaspar de Souza Marly Araújo dos Santos Valmir Lopes da Silva
Produção de farinha	As mulheres sentam em círculo, com a mandioca ao centro, para descascar, raspar, lavar, ou seja, para preparar a mandioca para a etapa de moagem ou ralagem. Após moer a raiz, a mandioca é posta em sacas de grãos e prensadas em uma prensa manual. Toda a maniva (líquido venenoso separado da “massa”) resultante do processo é descartada na área externa e absorvido pelo solo. Em seguida é peneirada e vai ao forno a lenha (três bocas de alimentação) para ser torrada. As casas de farinha dos povoados da Rocinha e do Outro lado dois, já estão mecanizadas. O processo funciona em um sistema de mutirão e a produção resultante é distribuída entre os envolvidos.	Gilberto Cedro dos Santos Filho Humberto Lourenço dos Santos José Rodrigues Oliveira
Ofício de lapidário	O ofício de lapidação tem como objeto pequenas pedras que são trabalhadas para dar-lhes formas e polimento a fim de torna-las preparadas para a confecção de doutros objetos, como joias, por exemplo. O ofício foi inserido na cidade por meio de cursos e tem grande ligação com a principal fonte de renda do município, a extração de pedras naturais, como cristais, quartzo e quartzo rutilado. As pedras utilizadas pelos lapidários são originárias da região ou áreas vizinhas (por vezes trazidas de fora). O lapidário utiliza um instrumento formado por uma lixa em forma de disco, que gira, chamado lapidador. O contato da pedra com essa lixa giratória permite que o lapidário lhe dê a forma e o polimentos adequados. Para segurar a pedra sem causar acidentes, ela é fixada a uma haste de madeira durante o processo de lapidação.	Marcos Antonio dos Santos Souza Creuza de Araujo Medeiros Souza

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

Encadernador de livros	Manoel desenvolveu uma técnica própria para encadernar seu livro que conta a história do povoado Mocambo e região. Primeiramente, a capa do livro e suas folhas são alinhadas em um esquadro feito em madeira, a resma de papel é então presa com uma ferramenta de metal à um plano de vidro, onde é realizado o corte da capa e acerto das folhas. O livro então é encaixado em uma estrutura de madeira, confeccionada manualmente, para que possa ser grampeado no local correto por um grampeador comum. Depois disso se passa cola e coloca-se a capa, o livro então passa por um outro instrumento construído manualmente em madeira, que comprime o livro de forma a pressionar a capa contra o corpo deste, facilitando a colagem.	Manoel Santana da Silva
Parteira	O ofício de parteira é tradicional na Chapada Diamantina e envolve homens e mulheres nesta atividade.	Anne Solimar Pacheco Félix Liane Joana Mendes Maria Cândida de Jesus Silvânia Nascimento de Souza

12. REGISTROS FOTOGRÁFICOS E AUDIOVISUAIS LOCALIZADOS OU PRODUZIDOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
A-CD-SS-CARPINTEIRO-Entrevista_01	Entrevista concedida no dia 27-10-2015 com 01h06m35s	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
A-CD-SS-CARPINTEIRO-Entrevista_02	Entrevista concedida no dia 27-10-2015 com 01h38m40s	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
A-CD-SS-CARPINTEIRO-Entrevista_03	Entrevista concedida no dia 27-10-2015 com 01m47s	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
V-CD-SS-OFF-CARPINTEIRO-Entrevista_João Alves	Entrevista concedida no dia 27.10.2015	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
V-CD-SS-CARPINTEIRO-Encontro Dão e Nonô	Entrevista concedida no dia 26.10.2015	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Mestre_1	Mestre Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Mestre_2	Mestre Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Povoadooficina_3	Local no povoado onde está localizada a oficina.	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Oficina_4	A oficina	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Oficina_5	.A oficina	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Madeira_6	Madeira a ser trabalhada	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-Mestre_7	O Mestre Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER		BA	CD	02	2016	Q60	13
--	--	-----------	-----------	-----------	-------------	------------	-----------

F-CD-SS-OF-Amigomestre_8	Mestre Nonô na oficina do Mestre Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Serra_9	Serra elétrica	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Serra_10	Serra elétrica	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Produção_11	Área de produção	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Bancada_12	Bancada de trabalho	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Barril_13	Barril fabricado por Mestre Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Bancada_14	Bancada de trabalho	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Ferramentas_15	Ferramentas	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Ferramentas_16	Ferramentas	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Ferramentas_17	Ferramentas	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Peçastorneadas_18	Peças feitas no torno	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Ferramentas_19	Ferramentas	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Ferramentas_20	Ferramentas	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Enxó_21	Enxó	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Arcosbarril_22	Arcos de ferro para armaro barril	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Barril_23	Barril	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Bigorna_24	Bigorna	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-MestresNonôDão_25	Mestres Donô e Dão	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Fornocomunitário_26	Equipamento comunitário: forno para queima do adobinho	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Cisternacomunitária_27	Equipamento comunitário: cisterna	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Associaçãocomunitário_28	Equipamento comunitário: prédio da Associação	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Associaçãocomunitário_29	Equipamento comunitário: Prédio da Associação	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OF-Casafarinhacomunitário_30	Equipamento comunitário: casa de farinha	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação

QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO: OFÍCIOS E MODOS DE FAZER				BA	CD	02	2016	Q60	13
---	--	--	--	----	----	----	------	-----	----

F-CD-SS-OFF-CasafarinhaComunitário_31	Equipamento comunitário: casa de farinha	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação
F-CD-SS-OFF-CasafarinhaComunitário_32	Equipamento comunitário: casa de farinha	INRC_Chapada Diamantina-CD - Fase de Identificação

13. MATERIAIS IMPRESSOS E OUTROS LOCALIZADOS DURANTE A ENTREVISTA

REFERÊNCIA	ASSUNTO	ONDE ENCONTRAR
Não identificado		

14. OBSERVAÇÕES DO ENTREVISTADOR

14.1. RECOMENDA APROFUNDAR ESTA ENTREVISTA? POR QUÊ?
Não. A entrevista esgotou os assuntos sobre o tema.

14.2. ATITUDES E OPINIÕES POR PARTE DO GRUPO IMEDIATO E MAIS AMPLO SOBRE O DESEMPENHO DO(A) ENTREVISTADO(A).
Receptivo e carismático. Dão respondeu a todas as dúvidas que tínhamos.

14.3. OUTRAS OBSERVAÇÕES
Noções de maestria: "Eu? Não. Eu sou aprendiz. O barril eu aprendi com meu tio Biba, e ele aprendeu lá com o João Preto. Essas casinhas aí eu sou mestre, eu que fiz primeiro. Isso aqui [quebra-cabeça] tem dois, mas os outros dois já é com montagem diferente, mas fiz por esse. Nos dois que eu fiz (...)"